

LEITURAS

DA NECESSIDADE DE SE PENSAR A SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rodolfo R. S. Feitosa (IF Sertão PE)¹³²

HANDFAS, Anita.; OLIVEIRA, Luz Fernandes de. (Orgs.) **A sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

A Lei n. 11.684, de 2 de junho de 2008, cujo texto alterou a lei n. 9.394 de 1996 (Lei de diretrizes básicas da educação), passando a incorporar no *hall* das componentes curriculares obrigatórias em todos os anos do ensino médio as disciplinas de sociologia e filosofia, representou um vitória de segmentos da sociedade civil que lutaram durante anos por uma formação educacional mais “crítica” e preocupada com a “cidadania”. Todavia, à institucionalização da sociologia como disciplina obrigatória nos três últimos anos do ensino básico seguiu-se a intensificação das reflexões e debates que envolvem uma disciplina escolar (com isso queremos dizer discussões desta natureza já existiam antes mesmo da implantação da lei de 2008, mas não com a referida intensidade). É neste contexto que “*A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*” se apresenta com um livro grandioso, na exata medida em que consegue contemplar muitas das questões que se fazem presente nesse novo momento da disciplina de sociologia. Grandioso em dois aspectos, na diversidade de questões discutidas, mas, sobretudo pelo fato de congregar, além de estudos teóricos, reflexões advindas de experiências práticas, vivenciadas e analisadas por pesquisadores/professores. Os casos práticos observados, relatados e analisados acerca da formação do professor de sociologia, bem como no que tange às nuances do exercício prático do docente de sociologia, fazem parte da essência desse livro, e mais do que isso, o torna diferencial em relação a outras obras já produzidas em torno da temática.

Oriundo de profícuas discussões realizadas no I Encontro Estadual de Ensino de Sociologia, ocorrido na Faculdade de Educação da UFRJ, no ano de 2008, a obra em

¹³² Bacharel e Mestrando em Ciências Sociais (UFCG), Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano.

questão acaba por se configurar como fruto de um esforço coletivo no sentido de dar vazão as inúmeras questões que circundam a presença da sociologia enquanto componente curricular obrigatória nos três anos destinados ao ensino médio. Conferências e comunicações apresentadas no mencionado evento, em um total de 17 textos compõe esta obra tão bem organizada por Anita Handfas, professora da Faculdade de Educação da UFRJ e Luiz Fernando de Oliveira, professor da Faetec e do CAP-UERJ. A obra é estruturada em três grandes eixos temáticos: o primeiro, denominado “história”, é dedicado à discussão do processo histórico de idas e vindas da sociologia como componente curricular da educação básica brasileira; o segundo, intitulado “ensino”, engloba os textos cuja preocupação maior diz respeito às questões que versam sobre os princípios e metodologias do ensino da sociologia no nível básico da educação; o terceiro eixo, “docência”, caracteriza-se por conjugar o debate acerca dos dilemas, desafios, problemáticas e possíveis rumos envolvendo o exercício prático da docência e da formação do licenciado em ciências sociais.

Em torno do primeiro eixo encontra-se o artigo *Desafios para a implantação do ensino de sociologia na escola média brasileira* de Amaury Cesar Moraes, cuja discussão versa sobre aspectos tais como: dicotomia entre bacharelado e licenciatura; livro didático; proposta programática (única ou variada); organização curricular da escola média brasileira, dentre outros. Todos estes aspectos são tematizados de forma sucinta, porém bastante objetiva, na perspectiva de “desafios” que se apresentam à institucionalização “de fato” da sociologia como disciplina do ensino médio.

Também nessa linha temática está inscrito o texto do Jefferson da Costa Soares denominado *Delgado de Carvalho e o ensino de sociologia no Colégio Pedro II*. Pautado pela análise documental e ancorado em termos de referencial teórico na obra de Ivor Goodson, o autor busca mostrar a “história da disciplina” de sociologia no Colégio Pedro II, “primeira instituição de ensino secundário no Brasil a introduzir o ensino de sociologia”. Neste contexto, os personagens Delgado de Carvalho e Adrien Delpech se destacam como protagonistas na trajetória histórica da disciplina de sociologia não apenas no Colégio Pedro II, mas no Brasil de modo geral.

Sociologia e filosofia nas escolas do ensino médio: ausências, permanências e perspectivas, artigo de Adélia Miglievich Ribeiro, Dalton José Alves, Renata Saul e Virgílio de Lima Pereira, problematiza os direcionamentos que a disciplina de sociologia tomou em virtude das orientações políticas das legislações que indicam os

caminhos a serem seguidos pelos componentes curriculares. Fatos históricos como a Reforma de Francisco Campos em 1931 – responsável pela presença da sociologia no ensino secundário, curso normal e cursos preparatórios, a Lei n. 5.692/71 implantada durante o regime militar – que substituiu disciplinas como sociologia e filosofia por outras instruções com ideais claramente ideológicos, e a reforma recente cujo ponto maior se traduz na lei de 2008 que torna obrigatório o ensino de sociologia e filosofia, são descritos e analisados com bastante lucidez pelos autores, explicitando as dificuldades de fixação da sociologia como disciplina escolar.

No eixo temático “ensino”, o texto de Ileizi Luciana Fiorelli Silva, *Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia na educação básica*, se apresenta como o primeiro, discutindo os elementos que dão fundamento às metodologias de ensino da disciplina. Explicitando a proposta pedagógica “histórico-crítica” paranaense de 2006 que indica as diretrizes para o ensino de sociologia, discute a questão da operacionalização dessas diretrizes a partir “da organização dos conteúdos estruturantes e conteúdos específicos”, nos moldes indicados por João Luiz Gasparin.

Dando prosseguimento ao debate, segue-se o artigo de Valéria Fernanda de Carvalho, *Sociologia, politécnica e cidadania: contribuições para a formação no ensino médio*. Este trabalho discute a sociologia como disciplina, que dentro da lógica das escolas politécnicas, potencializa o exercício da cidadania. Relatando experiências didáticas com turmas do primeiro ano da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, a partir da abordagem da temática do trabalho no contexto do capitalismo, a autora destaca como a utilização de múltiplos recursos didáticos favoreceu a compreensão dos assuntos e também a formação de certa percepção crítica dos alunos, imprescindível à própria dimensão de cidadania.

Estranhamento e desnaturalização do consumo: uma perspectiva didática em torno das categorias teórico-conceituais racionalidade econômica e representação simbólica, texto de Débora Cardoso Pulcina e Roberto Carlos Borghi; *Nunca estudei e não gostei: o desafio de quebrar preconceitos sobre o ensino de sociologia*, de Rodrigo Paim e Sebastião Santos; e *(Re)descobertas: considerações sobre o trabalho etnográfico com turmas de sociologia no ensino médio*, artigo de autoria de Rogério Mendes de Lima, são trabalhos que relatam esforços concretos no sentido de evidenciar a adoção de práticas pedagógicas como modo de facilitar o processo de aprendizagem, bem como ferramenta capaz de reduzir os preconceitos que os alunos possam ter em

relação à sociologia. É importante deixar explícito que, como os próprios títulos indicam, cada artigo deste tem suas particularidades, pois se referem a contextos e situações diferenciadas, mas todos indicam a importância do professor de sociologia da educação básica acionar estratégias diferenciadas a fim de estimular o alunado a pensar sociologicamente.

O sexto artigo desta sessão temática, de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar Rocha da Costa, intitula-se *Material didático, novas tecnologias e ensino de sociologia*. A questão da influência dos meios de comunicação de massa e da racionalidade própria que engendram no processo de transmissão das informações, modelando, inclusive, o modo como a juventude - população extremamente influenciada por estas novas tecnologias - passa a se dispor nas relações comunicativas tal como o aprendizado, se formata com preocupação maior do texto. Em face desta problemática e das questões (dificuldades) que envolvem o estágio inicial da implantação da sociologia como disciplina escolar, cabe ao professor ser versátil no uso das novas tecnologias e instrumentos pedagógicos no sentido de transmitir o conteúdo fazendo a conciliação entre os exemplos práticos (filmes, reportagens jornalísticas, poesias, etc.) e o nível teórico do conhecimento sociológico que envolve inegavelmente certo nível de abstração.

O ensino de sociologia na educação básica: análise e sugestões, de Alexandre Barbosa Fraga e Nadia Maria Moura Bastos, fecha as reflexões desse eixo temático. Tendo como ponto de partida a compreensão das relações que alunos de ensino médio do Rio de Janeiro (oito escolas entre públicas estaduais, uma da rede Faetec e três públicas federais) com a disciplina de sociologia, o texto trabalha com questões como a aceitação da disciplina entre os alunos, os motivos que levam a disciplina a ser ou não bem aceita entre os alunos, renda familiar dos alunos e aceitação da disciplina, dentre outras. Com base nos dados obtidos a partir da aplicação de questionários, os autores destacam como em muitas escolas “há a sensação de que a sociologia faz parte do currículo escolar por conta muito mais da obrigatoriedade” que pelo seu reconhecimento com disciplina imprescindível a uma formação de boa qualidade. Neste contexto, é necessário que a sociologia se faça reconhecer, através do próprio exercício do professor, como disciplina singular, cujo papel gira em torno da “formação para a reflexão sobre a realidade social”. Para que isso ocorra, a “reflexão constante” do professor acerca de sua metodologia possibilita inovar no ensino e utilizar recursos

variados de aprendizado sem fazer com que o ensino de sociologia pareça uma “bricolagem”.

Em verdade, no que se refere ao debate em torno da formação docente, é interessante destacar que uma questão está presente em vários dos artigos que se inserem dentro deste eixo temático, qual seja, a necessidade da formação do docente de sociologia conciliar de modo adequado “teoria” e “prática”. A maioria dos autores concorda que a instrução equilibrada de conteúdos teóricos e conteúdos práticos, correspondentes à formação docente acaba por se configurar como uma premissa para uma formação adequada do professor de sociologia.

Abrindo o conjunto de textos do terceiro eixo temático do livro, “docência”, Anita Handfas, no artigo *Formação de professores de sociologia: reflexões sobre diferentes modelos formativos*, pontua para o leitor os três modelos de formação utilizados nas universidades federais do país. Estes modelos são: o “modelo 3+1”; o “modelo que integra em um único curso bacharelado e licenciatura”, e por fim o “modelo que dispõe dois cursos distintos”. De acordo com a autora a existência destes modelos tem a ver com o modo como se relaciona a formação de professor com a formação de pesquisador. Nas universidades nacionais existe, neste sentido, uma “tendência a sobrevalorizar o bacharelado em detrimento da licenciatura”, que acaba por evidenciar a desvalorização em termos gerais do ofício de professor, sobretudo de professor do ensino básico.

O texto do Rogério Mendes de Lima, *A sociologia no ensino básico: desafios e dilemas*, traduz de forma muito clara alguns dos “caminhos” que podem ser tomados no sentido de melhorar a formação dos professores de sociologia do ensino básico, a saber, a “necessidade de uma sólida formação teórica por parte desses futuros professores”; “necessidade do conhecimento das técnicas e metodologias específicas para esse segmento”, isto é, uma capacitação pedagógica adequada; “o profissional de licenciatura tem de ser também um pesquisador”

Afinada com a ideia de que muitos dos problemas vivenciados pelo professor de sociologia em sala de aula são partilhados por outros docentes do ensino básico, indicando as limitações do próprio sistema educacional, Cassiana Tiemi Tedesco Takagi, em seu artigo *O ensino de sociologia na rede estadual de São Paulo*, nos mostra quão importante é para a compreensão da situação da sociologia no ensino básico ir além do “estudo das propostas oficiais de ensino”. Tendo como objeto de análise os

relatórios de estágio de alunos de licenciatura em ciências sociais, da Universidade de São Paulo do ano de 2004, a autora salienta a importância de se observar a vivência prática do professor de sociologia no ensino básico para o entendimento geral das questões que envolvem a presença de tal disciplina na grade curricular brasileira de modo oficial.

No texto *Sociologia no ensino médio: trabalho docente e formação*, Alexandre Garcia Mascarenhas ressalta a importância da competência no exercício da docência, isto é, a formação do licenciado deve ser revestida de cuidados. Neste processo de formação é importante que o futuro professor não realize sua formação só apenas em torno de temáticas da disciplina, com isto o autor quer dizer que também tem importância neste processo de formação o contato com as diretrizes institucionais para o ensino da disciplina. Outro aspecto importante destacado pelo autor é o fato de que o trabalho docente se constitui enquanto uma *práxis* que se caracteriza pela ação-reflexão-ação, ou seja, um repensar constante sobre as ações realizadas. Observando o cenário do ensino de sociologia na cidade de Pelotas, o autor destaca a necessidade de que os profissionais do ensino de sociologia lutem por si mesmos na tentativa de construir uma “identidade profissional”.

Em *Mudando os papéis: o que acontece quando a pesquisadora quer se tornar a professora de sociologia* temo o relato de Giselle Carino Lage, na condição de sujeito que esteve tanto no âmbito da pesquisa acerca da licenciatura quanto no âmbito do exercício da licenciatura. A autora ao descrever as complexidades e nuances que emergem da atuação nestes dois papéis dentro de um mesmo ambiente escolar, demonstra como foi possível identificar diferentes elementos em relação a uma mesma questão tal fosse o papel que desenvolvera.

Julia Polessa Maçaira e Marina de Carvalho no texto *Ser professor, ser estagiário e formar docentes: reflexões sobre experiências de estágios supervisionados*, explicitam para o leitor a partir de uma comparação entre a experiência da formação docente em cinco ambientes diferenciados quão delicada é a questão da formação docente, por envolver diversos elementos. Questões como a relação entre professor-regente e estagiário, acesso a instâncias prévias (atuação no planejamento), espaço de atuação/autonomia, acesso a técnicas e métodos e infraestrutura escolar, são determinantes para uma boa formação docente. Diante da diferença nas formações docentes encontradas em cada um destes ambientes institucionais, as autoras acabam

por destacar “algumas sugestões” para uma formação docente mais adequada: “valorização da licenciatura” frente ao próprio Estado, “estímulo ao diálogo entre bacharelado, licenciatura e escolas”, “conciliar a preocupação em torno da quantidade com a questão da qualidade”, dentre outros.

Finalizando o terceiro eixo temático do livro, Gabriela de Souza Honorato, no artigo *Ensino médio: representações sobre a sociologia e sua prática de ensino*, busca expor as representações que seus próprios alunos têm da sociologia como disciplina e dela própria como professora. Com base nos depoimentos de alunos do terceiro ano de um colégio estadual do Rio de Janeiro, a autora constata que parte considerável dos alunos vê na sociologia uma disciplina “instrutiva” e “reflexiva”, ao mesmo tempo em que comprova que as aulas dialogadas possuem maior aceitação entre o alunado. Em relação a sua atuação como professora, os alunos destacam sua capacidade de transmissão do conteúdo em bom nível, bem como incentivo ao debate, que contrasta com a “voz baixa” com a ausência de “pulso firme” em relação à “bagunça”.

Em linhas gerais pode-se dizer que a obra *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*, se insere no contexto da ampliação e intensificação das reflexões que envolvem as diversas problemáticas tangentes ao ensino da sociologia, mas que não se perde na mesmice. Isso porque representa um esforço coletivo de debater as questões a partir de vivências e experiências práticas o que certamente enriquece tal empreendimento.